FEIJÃO

A GRANDE DISSEMINAÇÃO DO CULTIVO E SUA CARACTERÍSTICA PULVERIZAÇÃO EM PEQUENAS PROPRIEDADES TORNAM O MERCADO DO FEIJÃO SUSCETÍVEL A MOVIMENTOS ESPECULATIVOS. A ALTA DOS PREÇOS NAS ÚLTIMAS SEMANAS ORIGINA-SE DESTES FATOS, MAS A RECUPERAÇÃO DAS COTAÇÕES, AO LONGO DO ANO, ESTÁ SENDO UM FORTE INCENTIVO AO PLANTIO.

O reajuste do preço básico do feijão foi o mais alto entre as lavouras produtoras de alimentos para o mercado interno. Enquanto seu preço (Cr$ 54.200) era corrigido em 276,4%, o da mandioca o foi em 270%, o milho, em 251,4% e o arroz, em 219%, para o irrigado e 221,4%, para o de sequeiro. Pretendeu-se, apesar das restrições creditícias impostas pela tentativa de superação da atual fase recessiva da economia — que provocaram as recentes alterações na política agrícola — conter a tendência de queda da disponibilidade **per capita** destes cultivos no país.

No caso do feijão, este incentivo se fez ainda mais necessário, pois o tratamento privilegiado anteriormente recebido, em termos de adiantamento do **VBC**, foi eliminado e à nova classificação de **pequeno produtor**, englobando os antigos médios produtores, couberam apenas 80% do **VBC**. À faixa de produtividade mais freqüente na safra passada (ver Quadro 10) entre 401 e 600 kg, corresponderam Cr$ 283 mil. No acesso ao **Proagro**, manteve-se a diferenciação do feijão, com um adicional de 2%, independentemente do número de coberturas anteriores e repetiu-se a cobertura integral.

O preço básico estabelecido ficou próximo ao nível oferecido pelo mercado ao feijão preto e bem abaixo do que vigora, há meses, para os feijões de cores. Segundo dados da **CFP**, a participação da primeira variedade nos estoques do país tem aumentado nos últimos anos (ver Gráfico 07) e, diante do novo preço básico, é possível que aumente, outra vez, em 1985. Atualmente, das aproximadamente 90 mil t detidas pelo governo, 55 mil são do feijão preto e 35 mil dos de cores (sendo 30 mil t importadas).

Os Gráficos 08 e 09 apresentam a evolução nominal dos preços médios recebidos pelos produtores nos quatro principais estados produtores de feijão, comparativamente à elevação mensal do **Índice Geral de Preços**. Os dois primeiros produtores, Paraná e Santa Catarina, tiveram desempenhos mais discretos. Ceará e São Paulo apresentaram bons resultados, derivados da quebra da safra 1982/83 e da pressão sobre o mercado paulista da demanda dos estados nordestinos, *no primeiro semestre deste ano.*

"A recente alta nos preços . . . vem suscitando polêmica . . ."

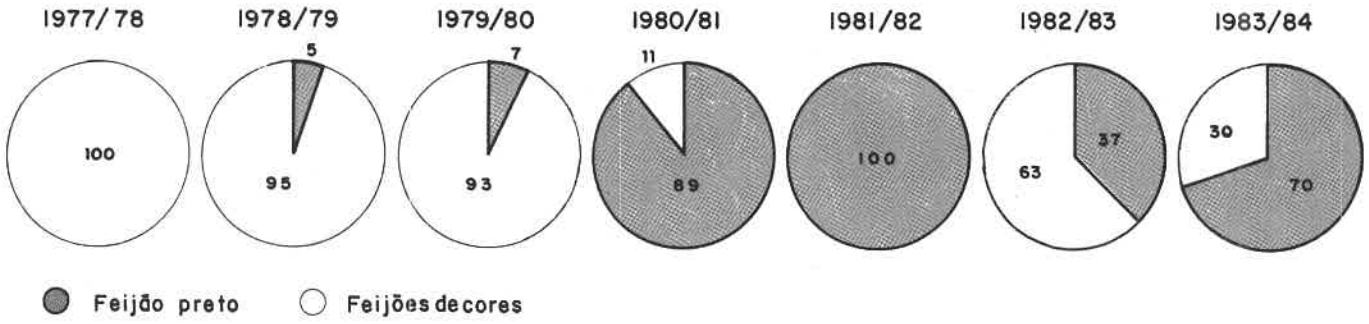
QUADRO 10 – BRASIL – ESTIMATIVAS DE ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DE FEIJÃO NAS SAFRAS DAS ÁGUAS DE 1983 E 1984

ESTADO	ÁREA (ha)		PRODUÇÃO (t)		PRODUTIVIDADE (kg/ha)	
	1983	1984	1983	1984	1983	1984
Paraná	642.135	666.708	320.920	454.220	500	681
Santa Catarina	261.772	243.118	137.548	204.528	525	841
Ceará	164.194	465.553	22.428	165.213	137	355
São Paulo	260.000	216.000	156.000	146.900	600	680
Rio Grande do Sul	153.957	149.909	81.508	105.049	529	701
Rio Grande do Norte	77.273	229.533	5.922	102.891	77	448
Minas Gerais	187.698	267.946	66.911	94.071	356	351
Piauí	168.035	196.228	13.906	64.354	83	328
Espírito Santo	18.710	47.675	5.406	22.677	289	476
Maranhão	33.885	48.754	8.504	18.415	251	378
Bahia	332.826	259.973	64.901	16.378	195	63
Mato Grosso do Sul	16.176	14.660	8.060	8.013	498	547
Rio de Janeiro	9.135	9.162	5.020	4.783	550	522
Goiás	4.288	4.900	1.704	2.200	397	449
Mato Grosso	3.307	3.116	1.230	942	372	302
Distrito Federal	845	1.076	490	585	580	544
BRASIL	2.334.236	2.824.311	900.458	1.411.219	386	500

FONTE – IBGE.

FEIJÃO — BRASIL — PARTICIPAÇÃO DOS FEIJÕES PRETO E DE CORES NOS ESTOQUES — SAFRAS 1977/78 A 1983/84

GRÁFICO 07



FONTE DOS DADOS BÁSICOS — **CFP**

Neste momento, aliás, ocorre o inverso com os estados do Norte-Nordeste, bem abastecidos e enviando feijão para o Centro-Sul, até mesmo para ser usado como semente.

A recente alta dos preços, que se assemelha, em rapidez, à dos meses de abril e maio, vem suscitando alguma polêmica, sendo considerada, pela maior parte dos órgãos ligados à agricultura, mero fruto de manobras especulativas, fundamentadas nos danos das geadas às safras paulista e paranaense, tidos como passíveis de recuperação. Tinha-se como certa, porém, a ocorrência de um processo de alta no último trimestre do ano, em razão do equilíbrio do balanço de oferta e demanda. Tal processo está sendo criado artificialmente, agora, uma vez que a safra da seca foi boa e complementou a oferta da safra das águas. A produção conjunta das duas, mais a da safra de inverno, acabou superando o consumo, estimado em cerca de 2,4 milhões de t, mas ainda em retração.

A safra das águas, segundo a estimativa de agosto do **IBGE**, encerrou-se com o fim da colheita do Rio Grande do Norte, em julho, totalizando 1,41 milhão de t. A safra da seca, faltando encerrarem-se as colheitas de todo o Norte-Nordeste, mais as do Rio de Janeiro, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal, está estimada, pelo mesmo órgão, em 1,23 milhão de t (ver Quadro 11), com uma produtividade praticamente igual à da primeira safra.

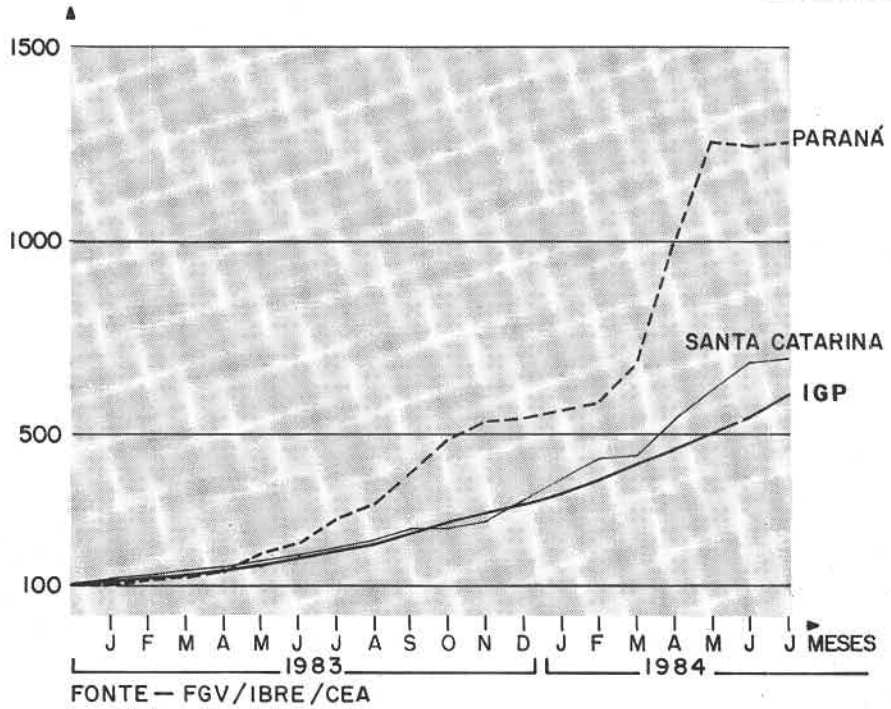
Considerando-se os estoques em mãos dos atacadistas (há grande divergência quanto a sua quantidade, havendo referência a 500 mil t), vê-se que o mercado deverá manter-se abastecido por algum tempo, sem maiores problemas.

No atual plantio, espera-se um aumento da área plantada em todas as grandes zonas de produção, embora algumas dificuldades, em geral relacionadas ao clima, possam interferir.

As estimativas referentes ao Paraná variam entre a repetição da área e uma ampliação de até 3%. No entanto, segundo os produtores, poderia haver uma diminuição, hipótese rejeitada pelas entidades ligadas à agricultura, que confiam no estímulo proporcionado pelos preços de mer-

FEIJÃO — EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DOS PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DO PARANÁ E DE SANTA CATARINA E DO IGP — (dezembro de 1982 = 100)
1983 e 1984

GRÁFICO 08



FONTE — FGV/IBRE/CEA

cado e, também, pelo preço mínimo.

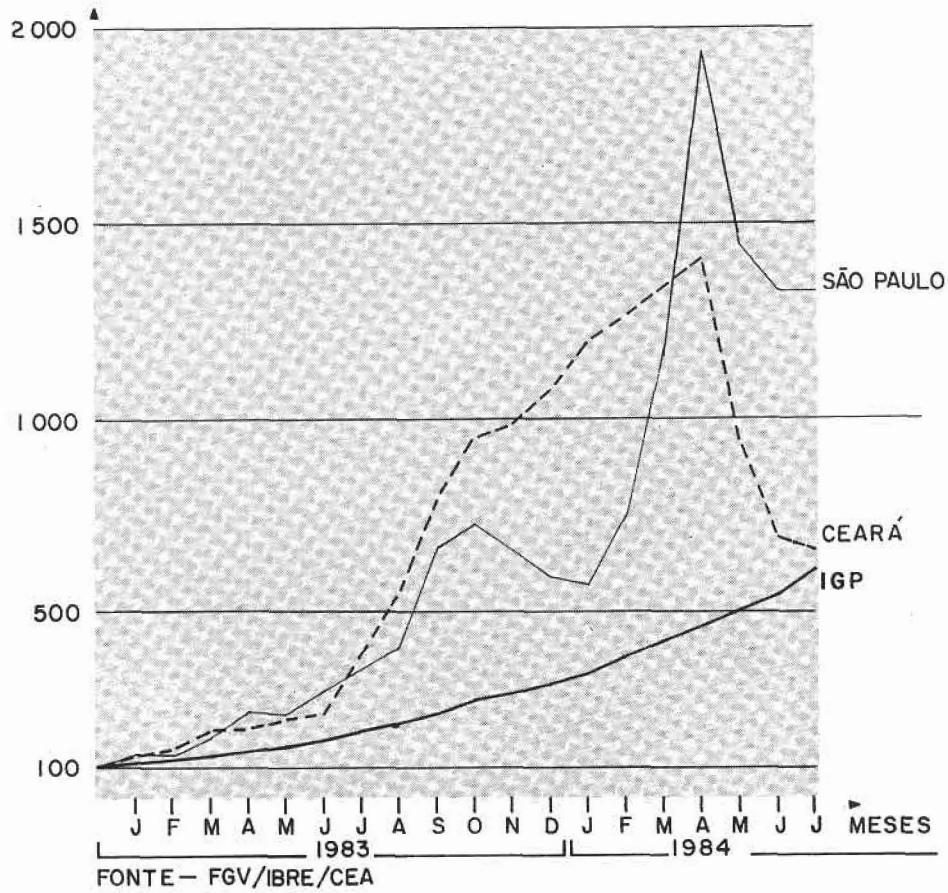
O Sudoeste do estado, tradicional produtor de feijão preto, deverá aumentar a área de cultivo. Embora os feijões de cores tenham apresentado melhores cotações, a região não é apta ao seu cultivo. Ali, o plantio do feijão preto costuma ser feito em consorciamento com o milho. Aliás, é possível que os agricultores que plantam soja consorciada ao milho troquem-na pelo feijão, cujas perspectivas de mercado são bastante satisfatórias. Mesmo a opção pelo plantio solteiro do feijão é plausível, seguido, imediatamente, pelo milho tardio. Segundo o Censo de 1980, mais de 63% da área de cultivo do feijão no Paraná, naquele ano, corresponderam ao **cultivo associado e outras modalidades (intercalado, misto)**, responsáveis por 56% da produção. O cultivo simples, com 37% da área, gerou 44% da produção.

O plantio paranaense foi efetuado um pouco mais cedo, visando a aproveitar a melhoria das cotações, esperada para o mês de outubro. As perdas pelas geadas foram elevadas, principalmente no Norte do estado, mas o replantio tem continuado, à exceção da região de Capanema, onde a escolha está sendo a soja e que começará a colher já em novembro (o **normal** da região é dezembro). Os agricultores que semearam antecipadamente não puderam utilizar o crédito oficial (poucos teriam condições) e, se vitimados pelas geadas, arcaram com grande prejuízo. Atualmente, ao replantarem, estão sendo enquadrados na nova classificação.

Em todo o estado, vêm ocorrendo problemas com as sementes, cuja saca chegou a custar Cr$ 180 mil, baixando, em meados de setembro, para Cr$ 140 mil. Não houve propriamente escassez, pois entrou produto de São Paulo e do Nordeste e as sementes certificadas, por apresentarem custo elevado, foram substituídas por grãos comuns. As 30 mil t importadas, postas à disposição dos agricultores para o plantio, por preços mais vantajosos, não tiveram boa acolhida. A **CFP** as ofereceu após um teste na **Embrapa**, que asseverou uma germinação de 90%, mas as cooperativas temeram o emprego do grão, pelo desconhecimento de sua adaptabilidade às condições do país.

FEIJÃO - EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES DOS PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES DE SÃO PAULO, DO CEARÁ E DO **IGP** — (dezembro de 1982 = 100)
1983 e 1984

GRÁFICO 09



FONTE — FGV/IBRE/CEA

"Em Santa Catarina . . . um fator de expansão da lavoura do feijão será o aumento da área cultivada do milho . . ."

Não se pode avaliar em que medida será possível efetuar o replantio, mas é sabido que, em algumas áreas que replantarem, o feijão será colhido um pouco mais tarde do que o usual.

Em Santa Catarina, também deve ocorrer uma troca do consorciamento **soja e milho**, com o feijão no lugar da soja. Um fator de expansão da lavoura do feijão será o aumento da área cultivada do milho, estimada em até 10% (o feijão teria uma área até 5% maior). Produtores do estado haviam solicitado um preço mínimo de Cr$ 55 mil para o feijão e o valor concedido foi bem recebido.

No caso do Ceará, que se colocou como o segundo maior estado produtor em termos de área plantada e terceiro em tonelagem da safra das águas 1983/84, estas posições destacadas não significam a existência de condições especialmente vantajosas. Mesmo com a significativa evolução

dos preços do produto no ano passado (ver Gráfico 09), não se pode dizer que os agricultores tenham tido grandes benefícios. De fato, os preços elevados se devem a que a primeira safra de 1983 produziu apenas 22,4 mil t, numa área plantada de 164.194 ha, duramente afetada pela seca. Aliás, aquela área de plantio poderia ter sido bem maior, não fosse a certeza da hostilidade do clima, no início do ano passado.

O estado não possui muitas opções de cultivo e desde 1980, com os planos de emergência, a extensão do plantio do feijão apresentou grandes aumentos, atingindo o máximo na primeira safra de 1982, com 591 mil ha.

Em razão da melhoria das condições climáticas, este ano, a área dedicada ao feijão aumentou 183,5%, alcançando os 465.553 ha, próxima ao que se considera normal, no estado (480 mil ha). Através do Gráfico 09, constata-se que o ponto de inflexão da ascensão das cotações situa-se logo após o começo da semeadura (80% dos produtores plantam em fevereiro/março e só a região do Cariri principia em dezembro). Segundo a **Cepa–CE**, a má distribuição das chuvas e a menor disponibilidade de crédito e de insumos impediram que a produtividade fosse melhor do que a obtida.

A safra das águas teve sua colheita encerrada em julho e está praticamente toda comercializada, não tendo a **CFP** efetuado aquisições de porte (pouco mais de 100 t), também em razão da ampla superação do preço mínimo, de Cr$ 21.292,20/60 kg para o feijão **macaçár**, pelos preços do mercado.

A segunda safra do estado, cuja colheita se encerra em dezembro, é quase toda irrigada, daí sua elevada produtividade (ver Quadro 11). Quanto à próxima safra das águas, embora seja muito cedo para previsões, o desempenho da primeira safra deste ano deverá estimular os agricultores a um extenso plantio.

QUADRO 11 – BRASIL – ESTIMATIVAS DE ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE DE FEIJÃO NA SAFRA DA SECA

UNIDADE DA FEDERAÇÃO	ÁREA (ha)	PRODUÇÃO (t)	PRODUTIVIDADE (kg/ha)
Minas Gerais	391.614	194.630	497
Pernambuco	347.806	169.381	487
Paraíba	301.735	128.875	427
São Paulo	258.000	124.118	481
Santa Catarina	155.000	108.500	700
Bahia	193.406	90.320	467
Alagoas	130.437	76.519	587
Goiás	197.070	75.840	385
Rondônia	88.416	58.377	660
Sergipe	69.261	38.648	558
Mato Grosso	73.900	29.405	398
Rio Grande do Sul	46.773	28.048	600
Espírito Santo	63.531	27.913	439
Pará	28.772	18.252	634
Maranhão	38.248	17.675	462
Paraná	60.870	16.024	263
Rio de Janeiro	14.206	9.518	670
Mato Grosso do Sul	30.009	9.003	300
Ceará	6.000	6.000	1.000
Acre	8.587	4.201	489
Piauí	4.626	506	490
Roraima	1.033	1.900	411
Rio Grande do Norte	2.896	1.411	487
Amapá	445	265	596
Distrito Federal	218	262	1.202

FONTE – IBGE, estimativa de agosto.

". . . ampla superação do preço mínimo . . . para o feijão macaçár, pelos preços do mercado."

O abastecimento de São Paulo, o quarto maior produtor, conforme referência anterior, vem sendo complementado pelo produto cearense e de outros estados nordestinos, que é repassado, em parte, ao Paraná. Os preços no atacado paulista têm oscilado, dependendo da qualidade do produto, entre Cr$ 80 mil e Cr$ 110 mil, com as maiores cotações sendo pagas ao feijão **carioquinha** paulista.

Segundo o **Instituto de Economia Agrícola**, o produtor de feijão do estado obteve, na safra das águas, um preço médio de Cr$ 35.493,50/60 kg a uma produtividade de 12 sacas. O preço mínimo da safra era de Cr$ 20.457/60 kg e, de acordo com a mesma fonte, o custo operacional das lavouras teria ficado em Cr$ 25.858,80. Na safra da seca, mesmo com a menor produtividade (8 sacas/ha segundo o **IBGE**), obtiveram-se ganhos com a comercialização, ficando o preço médio em Cr$ 96.596, com um custo de Cr$ 34.041,20/saca. Contudo, tanto o **IEA** como a **CFP** supõem que o produtor paulista poderá apenas repetir a área de plantio do ano passado, por conhecer o alto risco do cultivo, além de levar em consideração, também, a grande ma-

QUADRO 12 – RIO GRANDE DO SUL – CUSTO DE PRODUÇÃO[1] DE UMA LAVOURA CONVENCIONAL DE FEIJÃO – SAFRA 1984/85
(Produtividade média 675 kg/ha)

RUBRICAS	CUSTO DE PRODUÇÃO[2]		
	Hectare	%	Saco de 60 kg
Construções	52.784	7,12	4.692
Instalações	24.711	3,34	2.197
Máquinas e implementos	133.989	18,08	11.910
Implementos próprios – Cons. e reparos	7.850	1,06	698
– Depreciação	13.001	1,75	1.156
Máquinas de terceiros (aluguel)	113.138	15,27	10.056
Animais de trabalho	59.265	8,00	5.268
Mão-de-obra	58.906	7,95	5.236
Insumos	127.572	17,21	11.340
Calcário	11.718	1,58	1.042
Outros corretivos	9.280	1,25	825
Fertilizante – base	48.825	6,59	4.340
Fertilizante – cobertura	8.518	1,15	757
Semente	41.722	5,63	3.709
Defensivos – herbicida	1.852	0,25	165
– inseticida	2.410	0,33	214
– fungicida	3.140	0,42	279
– formicida	107	0,01	9
Frete (produção)	20.084	2,71	1.785
Financiamento	243.252	32,82	21.622
Imposto Territorial Rural	5.060	0,68	450
Funrural	15.469	2,09	1.375
TOTAL	741.092	100	65.875

[1] **Projetado para 31/12/84.**
[2] **A base de cálculo em termos de produtividade foi 11,25 sacos/ha e os valores apresentados são unicamente custos na lavoura convencional de feijão, não estando computada a *lucratividade* do produtor.**

FONTE – Fecotrigo.

joração dos custos para o plantio. A maior parte dos produtores enquadra-se na antiga classificação de pequeno produtor e terá, agora, de usar maior parcela de recursos próprios na formação das lavouras.

No Rio Grande do Sul, a situação do cultivo é semelhante, mas as dúvidas quanto ao plantio parecem ser menores. Segundo a **Fecotrigo,** "a produção de feijão no RS está concentrada nas mãos de mini e pequenos agricultores. Justamente estes milhares de agricultores, que muitas vezes têm dali os recursos suplementares essenciais, são os que mais sofrem a ação de atravessadores ou especuladores" . . ."a comercialização é pulverizada e sofre freqüentemente grandes flutuações de preços, por escassez real ou forçada, sendo uma constante a elevação do preço quando já vendeu sua produção. A instabilidade de preços que o estimula a plantar num momento e o desestimula em outro, torna a ação da venda imprevisível e é causa de descontinuidade de plantio".

Apenas 23,5% da área plantada com feijão no estado utilizam o **VBC,** servindo como estímulo à lavoura apenas os preços do mercado, que, este ano, foram um elemento positivo.

A safra 1984/85 é a primeira a ter, no Rio Grande do Sul, seu custo de produção definido, calculado pela **Fecotrigo,** em junho (ver Quadro 12). A previsão da entidade é de um custo de Cr$ 65.875/60 kg em dezembro, Cr$ 71.804 em janeiro, Cr$ 78.266 em fevereiro e Cr$ 85.310 em março. Como o preço mínimo está sendo estimado em torno de Cr$ 80 mil, em dezembro, caso se mantenham os reajustes das **ORTN's** no nível atual, a próxima safra deverá ter uma boa rentabilidade, no estado.

Ao que parece, no cômputo geral da safra das águas, a área de plantio deverá expandir-se. Dependerá do clima e do bom desempenho das sementes, em algumas regiões, a produção que abastecerá o mercado até meados do próximo ano, quando uma nova administração federal se defrontará com o difícil gerenciamento do abastecimento interno.

